EDITORIAL

Os militares e os riscos à democracia

Deveria preocupar todos os democratas a politização que se espalha entre fardados, tanto nos quartéis da Polícia Militar (PM), quanto nas hostes das Forças Armadas, especialmente no Exército, com incentivo do presidente da República, Jair Bolsonaro. Os fatos mais recentes provam não se tratar de temor infundado, mas de uma escalada inquietante, que inclui a violência física.

Em Recife, policiais militares, à revelia do comando, dispersaram com violência inaudita um ato pacífico que pedia o impeachment de Bolsonaro. Balas de borracha foram disparadas contra os manifestantes e duas pessoas foram feridas gravemente. Uma ficou cega do olho direito; a outra, do esquerdo. Em Goiás, um oficial da PM algemou um militante do PT e o levou à Polícia Federal (PF), sob a alegação de que infrigira a Lei de Segurança Nacional, por ter amarrado um cartaz em seu carro com a expressão "Bolsonaro genocida".

Mas, além de casos "políticos", o "guarda da esquina" também se sente poderoso para agir com base em preconceitos de outro tipo. Um homem negro, que fazia manobras com sua bicicleta em um parque da Cidade Ocidental (GO), foi abordado sob a mira de armas de dois policiais, também algemado e levado preso como "suspeito".

A inconformidade dos militares em se submeterem ao poder civil, vem de antes de o atual presidente assumir o mandato. Recorde-se que, em abril de 2018, o então comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, por meio das redes sociais, pressionou o Supremo Tribunal Federal a não conceder habeas corpus para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que o livraria da prisão.

Mas é forçoso registrar que a situação agravou-se sob Bolsonaro, que promoveu uma espécie de "militarização" do governo, cercando-se de fardados nas funções mais importantes, e espalhando-os por todos os segmentos do governo. Afora as benesses a eles concedidas na reforma da Previdência, arrematada com a possibilidade de acumular salários acima do teto do funcionalismo público. Bolsonaro flerta inclusive com a anarquia militar ao conter a punição que o alto comando do Exército tem a obrigação de aplicar ao ex-ministro Eduardo Pazuello, por ter participado de um ato político ao lado do presidente.

Para tornar o quadro ainda mais perigoso, há poucos dias, Bolsonaro ameaçou com ruptura institucional ao dizer que, caso tenha de tomar uma medida que ultrapasse "as quatro linhas da Constituição" terá os 22 ministros "perfeitamente alinhados" (incluem-se, obviamente, os ministros militares.)

Ao mesmo tempo, Bolsonaro bajula setores da Polícia Militar, defendendo-os incondicionalmente, incluindo abusos e ilegalidades, para que respondam ao seu comando e não dos governadores. Estes, por sua vez, têm de agir rapidamente e com rigor, se não quiserem enfrentar uma situação pior e desmoralizante mais à frente, com riscos irreparáveis à democracia. ■

OPOVO
FUNDADO EM 7 DE JANEIRO DE 1928
POR DEMÓCRITO ROCHA

PPRESIDENTE INSTITUCIONAL & PUBLISHER
Luciana Dummar

PRESIDENTE-EXECUTIVO
João Dummar Neto

DIRETORES-EXECUTIVOS DE JORNALISMO
Ana Naddaf
Erick Guimarães

DIRETOR DE JORNALISMO DAS RÁDIOS
Jocélio Leal

DIRETOR DE NEGÓCIOS E MARKETING
Alexandre Medina Néri

DIRETOR DE ESTRATÉGIA DIGITAL
Filipe Dummar

DIRETORA DE GENTE E GESTÃO
Cecília Eurides

DIRETOR CORPORATIVO
Cliff Villar

EDITORIALISTA-CHEFE E
EDITOR DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO
Plínio Bortolotti

EDITOR-CHEFE DE OPINIÃO
Guálter George

CONSELHO EDITORIAL
Adísia Sá; Diatahy Bezerra de Menezes; Fausto Nilo; Francisco José de Lima Matos; Lino Vilaventura; Manfredo Oliveira; Pedro Henrique Saraiva Leão; Plínio Bortolotti; Raimundo Padilha; Roberto Macedo; Valdemar Menezes; Wânia Cysne Dummar

DIRETORIA DE JORNALISMO

DIRETORES-EXECUTIVOS
Ana Naddaf
Erick Guimarães

DIRETOR DE JORNALISMO DAS RÁDIOS
Jocélio Leal

EDITORES-CHEFES
Adailma Mendes, Chico Marinho, Clóvis Holanda, Érico Firmo, Fátima Sudário, Fernando Graziani, João Marcelo Sena, Renato Abê, Tânia Alves e Thays Lavor

EDITORES DIGITAIS
André Bloc, Beatriz Cavalcante, Ítalo Coriolano, Marcos Sampaio, Regina Ribeiro, Rubens Rodrigues, Sara Oliveira e Thadeu Braga

EDITORES IMAGEM
Cinthia Medeiros, Amaurício Cortez, Cristiane Frota e JL Rosa

EDITORA DE CAPA E FAROL
Domitila Andrade

COORDENADORA DE MÍDIAS SOCIAIS
Glenna Cherice

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
Daniela Nogueira

OMBUDSMAN
Juliana Matos Brito

EMPRESA JORNALÍSTICA O POVO S.A.
Av. Aguanambi, 282 - Joaquim Távora
CEP 60055-402 - Fortaleza - CE – PABX: 3254 1010
CNPJ: 07.222.565/0001-62
www.opovo.com.br

GALERIA DE PRESIDENTES

Demócrito Rocha
1928 - 1943

Paulo Sarasate
1943 - 1968

Creuza Rocha
1968 - 1974

Albanisa Sarasate
1974 - 1985

Demócrito Dummar
1985 - 2008

ATENDIMENTO
AO LEITOR E ASSINANTE
3254 1010
mercadoassinante@opovo.com.br

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS: Agência Estado e Agência France Press

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EM BRASÍLIA:
MÍDIA DISTRIBUIDORA DE JORNAIS LTDA – Aeroporto Internacional de Brasília Pres. Juscelino Kubitschek; Setor de locadoras, lote nº 14, salas 03 e 04;
CEP: 71608-900 – Brasília/DF;
Telefone: (0XX61) 364 9900, Fax: (0XX61) 364 9901
E-mail: idiadistribuidora@grupomidia.com.br

PREÇO DO EXEMPLAR NO CEARÁ:
segunda a sábado: R$ 3,00; domingo: R$ 4,00
OUTROS ESTADOS DO NORDESTE:
segunda a sábado: R$ 4,50; domingo: R$ 8,00
OUTROS ESTADOS:
segunda a sábado: R$ 5,50; domingo: R$ 10,00
ASSINATURA ANUAL: R$ 1.132,00

ARTIGOS

Gabinete paralelo é traição

Plinio Bortolotti
plinio.pab@gmail.com
Jornalista do
O POVO

Um dos resultados da Comissão Parlamentar de Inquérito — a CPI da Pandemia — que se desenvolve no Senado, é a comprovação que o presidente da República, Jair Bolsonaro, valia-se de de uma equipe de conselheiros para orientá-lo nas ações para enfrentamento da crise sanitária. Até aí parece bastante aceitável, não deve ter existido um único governante em todo o mundo, em todos os tempos, que não tenha se valido de tal expediente.

Porém, no caso em tela, o bicho começa a pegar quando se observa que esses assistentes, sem nenhum cargo formal do governo, funcionavam como uma espécie de "ministério paralelo" e sempre em confronto com as orientações oficiais da Saúde, como se pôde observar pelos depoimentos dos ex-ministros Henrique Mandetta (um político) e de Nelson Teich (um técnico), ambos médicos. Mandetta esticou a corda até onde pode para contrapor-se à sabotagem do Palácio do Planalto; Teich não aguentou nem um mês, saiu por discordância com a insistência de Bolsonaro em receitar cloroquina e pela absoluta falta de autonomia para tocar o ministério.

Mas esse confronto com as orientações oficiais do Ministério da Saúde, baseada em evidências científicas, continuou mesmo quando a pasta foi ocupada pelo general (da ativa) Eduardo "um manda outro obedece" Pazuello. Sem coragem de aplicar abertamente o pacote completo dos negacionistas, preparado por Bolsonaro e seu gabinete paralelo, Pazuello mantinha, pelo menos formalmente, as medidas não farmacológicas de combate ao coronavírus, ao tempo em que compactuava com as investidas de Bolsonaro que incentivava a população a se aglomerar, sem o uso de máscaras, para espalhar a contaminação.

Entre os "conselheiros" mais destacados do presidente estava a médica Nise Yamaguchi, cuja preocupação maior era defender o uso da cloroquina como "tratamento precoce", enquanto punha em dúvida a eficácia das vacinas e defendia a "imunidade de rebanho", como se pode ver em vídeos exibidos durante o seu depoimento à CPI na terça-feira, apesar de suas negativas.

O resumo é o seguinte: ter conselheiros, ok, substituir o ministério por um gabinete paralelo para promover uma política genocida é traição aos brasileiros. ■

Sérgio, Francisco e Hesse

Tales de Sá Cavalcante
tales@fariasbrito.com.br
Reitor do FB UNI e Dir. Superintendente da Org. Educ. Farias Brito

Fim de tarde. O sol a se pôr. Ela trocava o brilho do dia pela cor dos cabelos de Iracema, mais negros que a asa da graúna, como dizia José de Alencar. A Lagoa de Messejana me induziu a Fernando Pessoa, que, sob o heterônimo Alberto Caeiro, poetizou: "O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, / Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia / Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia..."

Sob vênia, parafraseá-lo-ia: lagoa nenhuma é mais bela que a lagoa da minha aldeia.

O visual me lembrou a mudança para Messejana em euforia, talvez por genética, uma vez que a mãe deste articulista se mudava tanto, a ponto de seu irmão Luís Alberto, em chiste, afirmar que ela deveria morar num trailer, ou porque iria residir no sítio aonde íamos na infância.

E sobre o significado de Messejana, não seguiria nem Alencar, com a expressão "lugar abandonado", nem Edmar Freitas, que interpreta como "cárcere ou prisão". Optei pelo sentido da última palavra dita por minha mãe, Hildete: "Messejana".

Rumo ao novo lar, por via antiga, cheguei ao primeiro ícone, aonde sempre vou em busca da alegria e Iracema ia quando triste: a lagoa da minha aldeia.

Despedi-me da musa de Alencar em estátua e fui à padaria Nogueira, onde, infelizmente sem o Doquinha, degustei um pão doce. Tomei uma cerveja no bar do Jaime e distribuí adesivos com a frase "Eu amo Messejana". Contornei a curva d'água até o sítio.

À tarde, os dois amigos Sérgio Almeida e Francisco Lima, a trabalho, compunham a linda imagem aquífera. Um vestia a camisa do Fortaleza; o outro, a do Ceará. E reflete: por que essa harmonia não existe no Castelão ou em qualquer estádio? Por que não há essa união entre adeptos de adversários como Bolsonaro e Lula, por exemplo? A radicalização arranha amizades de admiradores, que, no futuro, poderão ver seus ídolos em aliança. Sérgio e Francisco nos remetiam a Herman Hesse, ao apontar: "A nossa missão não é identificarmo-nos um com o outro, mas sim conhecermo-nos e aprender a ver e respeitar um no outro aquilo que ele de fato é: o seu oposto e complemento." ■

Segurança Pública: atividade essencial

Anderson Duarte
opovo@opovo.com.br
Capitão da Polícia Militar, da Superintendência de Pesquisa e Estratégia de Segurança Pública do Ceará

Recentemente, por conta da pandemia da Covid-19, houve uma série de discussões sobre o retorno de determinadas atividades, o que colocou em questão o caráter essencial ou não das mesmas. Desde o início da emergência sanitária, entretanto, ficou evidente que, além dos profissionais da saúde, na linha de frente dos serviços de atendimento à população nas unidades de tratamento, outra categoria se destacou em seus serviços: os profissionais da segurança pública.

Policiais, bombeiros, peritos e outros profissionais atuaram, de forma ininterrupta, durante todo o período de isolamento social, por meio de práticas educativas, prevenindo aglomerações e com orientações sobre o novo coronavírus. Mas não apenas isso: reforçaram a segurança de barreiras sanitárias, auxiliando no cumprimento das determinações emanadas pelos decretos governamentais que, sabiamente, regularam a locomoção da população durante esse período. Além disso, protegeram as unidades de saúde e, atualmente, também realizam o transporte de vacinas.

É importante lembrar ainda que, durante a pandemia, os trabalhos cotidianos da segurança pública não pararam e sequer diminuíram. Imagine-se, por exemplo, a complexidade de uma abordagem a pessoa, em busca de armas ou outros ilícitos, de uma operação de salvamento ou mesmo de uma perícia de campo, feita na rua. São ações em ambientes não controlados, nos quais o inesperado pode ocorrer a qualquer momento. Ainda assim, centenas de mulheres e homens, com seus uniformes e distintivos, cumpriram o juramento de servir à sociedade, mesmo com o risco da própria vida.

No mês de maio, são comemorados os aniversários da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, da Polícia Militar do Ceará, da Academia Estadual de Segurança Pública e da Superintendência de Pesquisa e Estratégia de Segurança Pública do Estado do Ceará. Coincidentemente, este é também o mês da classe trabalhadora. Assim, nada mais justo que refletir sobre os serviços prestados pelos trabalhadores da segurança pública que, diante dos eventos causados pelo coronavírus, mais uma vez se mostram essenciais. ■

PARA FALAR COM A GENTE

OMBUDSMAN
ombudsman@opovodigital.com

WHATSAPP
(85) 98893 9807

E-MAIL
opiniao@opovo.com.br

TELEFONES
(85) 3255 6104 ou 3255 6129